

A Escrita de José Leon Machado: o caso das obras *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*

Carla Sofia Gomes Xavier Luís
Universidade da Beira Interior e Comunicação, Filosofia e
Humanidades (LabCom.IFP)
cxavier@ubi.pt

Resumo

José Leon Machado nasceu a 25 de novembro de 1965 em Braga. Cedo se interessou pela leitura, que nem sempre era de fácil acesso, acontecendo entre um livro emprestado, outro requisitado na biblioteca, outro ainda comprado às escondidas com o dinheiro destinado às viagens de autocarro. Ao tornar-se frequentador assíduo da biblioteca da escola, no 9.º ano, ia alimentando o seu gosto pela leitura, especialmente pelos autores clássicos portugueses. Estreou-se nas lides da escrita ainda de tenra idade, algures entre os poemas de amor dedicados a algumas paixonetas da adolescência e a redação, a pedido do professor de português de então, do seu primeiro diário, que debuxou, com entusiasmo, num caderno de capa vermelha. E não mais parou de escrever. De construtor de “casinhas de pedra e caco”, na sua infância, a construtor de obras literárias de apreciável mérito foi um passo, não isento, porém, de muita dedicação, de apurado labor, de cuidada investigação e também de alguma dose de inspiração, que busca constantemente nas vivências do dia a dia, nas inúmeras viagens que vai realizando, enfim, no mundo circundante. Desde a publicação do seu primeiro livro em 1995, *A Sombra Sorridente*, até ao seu mais recente romance que deu à estampa em 2014, *A Porca*, tem vindo a construir uma vasta e premiada obra, digna de estudo, que vai desde o romance, ao conto, à novela, ao teatro, à poesia, à literatura infantil, à crónica e à autobiografia. Com efeito, além de alguns trabalhos académicos produzidos em torno da sua obra, é ainda de salientar a tradução para a língua inglesa do romance *Memória das Estrelas sem Brilho*, *Darkening Stars - A novel of the Great War*, por Milton Azevedo e Karen Sherwood Sotelino. Apresentados, em traços gerais, alguns aspetos atinentes à vida e labor ficcional do escritor em análise, com o presente trabalho procuramos perceber as principais características da escrita de José Leon Machado, com especial enfoque nas singularidades linguísticas mais evidentes, e respetivas consequências, tendo predominantemente por base os romances *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*, duas obras de uma trilogia que se completará com a publicação de *Os Heróis do Capim* que aguardamos com elevada expectativa.

Tendo em mente as sábias palavras quer de Jacinto do Prado Coelho, que entende que “não teremos da obra literária uma visão total se a não virmos na sua historicidade, em equação com o artista (vida e cultura)” (Coelho, 1961: 23), quer de Mário Cláudio¹, que é da opinião de que “o estilo de um autor [...] não é uma questão de opção, mas sim de natureza” (Cláudio in Neto, 2008), de “caráter” (Cláudio in Rita, Luís e Real, 2015:), posto que, como diz, “escrevemos o que somos” (Cláudio in Neto, 2008), mas igualmente por razões metodológicas, importa, antes de mais, delinear alguns “contextos” (cf. Luís, 2011: 53-66) que acabam inevitavelmente por influenciar as

¹ Curiosamente, Mário Cláudio, escritor contemporâneo que influenciou Machado, em particular no dealbar do seu percurso ficcional, continua a surgir na sua vida, demonstrando-se atento e interessado na sua obra. Não deixa de ser curiosa a referência que Machado faz a um encontro fortuito com Mário Cláudio, curiosamente em Guimarães, “o berço da Portugalidade”, mais concretamente “junto à capela do castelo”, que apelida de “agradável coincidência”, posto que havia estado a falar sobre este último com os escritores moçambicanos, Suleiman Cassamo e Ungulani Ba Ka Khosa, com quem fazia este passeio (Machado, 2014: 63), quiçá acerca do gosto que ambos nutrem por temáticas relacionadas com o modo de *ser*, de *estar* e de *pensar* do povo português.

preferências estilísticas e temáticas de José Leon Machado, o premiado ficcionista contemporâneo, cuja escrita estará em análise ao longo deste artigo. Corroboramos ainda a opinião de Maria Eduarda Vassalo Pereira que, acerca do conceito de “estilo”, refere o seguinte:

“Todo o estilo é um facto de linguagem. Não há, porém, facto algum dessa natureza que possa ser desligado de uma concepção do mundo; que, fora do entendimento dela, possa ser inteiramente compreendido. Com maior razão o dizemos da arte da expressão de um autor literário – do estilo: este prende-se com um passado do escritor inscrito no presente da sua arte e, através dela, com a atitude do homem perante o seu mundo, o seu tempo, e perante a tradição e a língua literária que herdou” (Pereira, 1988: 389).

Seguindo um pouco esta linha de pensamento, é de olhos postos no texto, mas sem olvidarmos os contextos, que procuramos desvendar algumas das principais características da escrita de José Leon Machado, dedicando particular atenção a certas especificidades linguísticas mais salientes, e respetivas consequências, isto tendo predominantemente por base os romances *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*, duas obras de uma trilogia que se completará com a publicação de *Os Heróis do Capim* (Machado, 2014: 81), que aguardamos com elevada expectativa.

E damos início aos desideratos atrás enunciados, apresentando alguns aspetos atinentes à vida e obra do escritor em apreço que nos parecem de extrema relevância para a compreensão das ditas opções estilísticas e temáticas. José Leon Machado nasceu a 25 de novembro de 1965, em Braga. Cedo se interessou pela leitura, que nem sempre era de fácil acesso, acontecendo entre um livro emprestado, outro requisitado na biblioteca, outro ainda comprado às escondidas com o dinheiro destinado às viagens de autocarro (cf. Machado, 2014: 26). Ao tornar-se frequentador assíduo da biblioteca da escola, no 9.º ano, ia alimentando o seu gosto pela leitura, especialmente pelos autores clássicos portugueses de onde se destacam António Nobre (*Só*), José Régio (*Os Poemas de Deus e do Diabo*), Júlio Dinis (*Os Fidalgos da Casa Mourisca*) (cf. Machado, 2014: 127). Gil Vicente, Luís Vaz de Camões, Eça de Queirós (cf. Machado, 2014: 127), Padre António Vieira, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco (Machado in Gonçalves, 2010: 2) são igualmente referências que o acompanharam desde cedo. Como o próprio refere, “aos 15 anos lia mais do que qualquer outro adolescente da escola. Mais até do que a maioria dos professores” (Machado, 2014: 128). Mas esta admiração pelos clássicos, que lhe valeu inclusive entre os colegas de escola (que o ouviam debitar as primeiras instâncias decoradas de *Os Lusíadas*) a alcunha de “O Poeta” (Machado, 2014: 127) teve continuidade, posto que, também durante a sua passagem de cinco anos pelo seminário, a leitura de Garrett, Herculano, Camilo, Júlio Dinis e Eça de Queirós foi uma constante. É o próprio escritor quem afirma ter aprendido muito durante esse período através de uma “leitura intensa e multifacetada e do estudo da literatura portuguesa” (Machado, 2014: 128). Ao longo do seu curso de licenciatura em Humanidades, que realizou na Faculdade de Filosofia de Braga, foi dilatando o gosto pelos clássicos, neste caso concreto, pelos “greco-latinos”, sendo ainda, e inevitavelmente, “por eles influenciado” (Machado in Gonçalves, 2010: 2). A título exemplificativo, e como o próprio escritor em foco refere, o seu “romance *O Guerreiro Decapitado*, cuja acção se passa no século I da nossa era, deve muito a Tito Lívio, Cícero, Apiano, Estrabão, entre muitos outros” (Machado in Gonçalves, 2010: 2). Se pensarmos, por exemplo, na obra *Memória das Estrelas sem Brilho*, detetamos, em diversas ocasiões, essa herança clássica, seja expressa no rol de livros que Luís Vasques leva na sua mala de viagem, de onde destacamos *Os Lusíadas* e *Só*, seja, por exemplo, visível no diálogo com a *Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós. É interessante constatar que Luís Vasques, no dia do seu casamento, descobre que tinha um ascendente

de seu nome Gonçalves, que buscava há já algum tempo: “Na minha juventude, andei à procura desse antepassado e, à maneira do herói da *Ilustre Casa de Ramires*, tentei a redação de um relato histórico. Deve andar por aí algures num caderno escolar do tempo do liceu” (Machado: 2012: 354).

E eis que com o apetite voraz da leitura vem o passo seguinte: a escrita. Nas lides da escrita estreou-se também de tenra idade, algures entre os poemas de amor dedicados a algumas paixonetas da adolescência (cf. Machado, 2014: 126) e a redação, a pedido do professor de português de então, do seu primeiro diário, que debuxou, com entusiasmo, num caderno de capa vermelha: “foi no momento em que eu peguei num caderno de capa vermelha e escrevi a primeira entrada que me tornei escritor” (Machado, 2014: 119). E não mais parou de escrever. Enfim, de empreiteiro de “casinhas de pedra e caco” (Machado, 2014: 112) na sua infância, faceta, de resto, refletida no romance *O Construtor de Cidades* (cf. Machado, 2014: 112), a edificador de obras literárias de apreciável mérito foi um passo, não isento, porém, de muita dedicação, de apurado labor, de cuidada investigação e também de alguma dose de inspiração, que busca constantemente nas vivências do dia a dia, nas inúmeras viagens que vai realizando, enfim, no mundo circundante. Desde que o seu primeiro livro, *A Sombra Sorridente*, deu à estampa em 1995 até ao seu mais recente romance, *A Porca*, que viu a luz do dia em 2014, portanto em 19 anos de trabalho literário, José Leon Machado tem vindo a construir uma vasta e premiada obra, digna de estudo, que vai desde o romance, ao conto, à novela, ao teatro, à poesia, à literatura infantil, à crónica e à autobiografia. Com efeito, além de alguns trabalhos académicos produzidos em torno da sua obra, é ainda de salientar a tradução para a língua inglesa do romance *Memória das Estrelas sem Brilho, Darkening Stars - A novel of the Great War*, por Milton Azevedo e Karen Sherwood Sotelino.

A sua experiência jornalística, como já era de esperar, também se iniciou bem cedo, concretamente durante a sua estada no seminário, sendo que, incentivado por um professor, desta feita, de *Introdução ao Jornalismo*, publicava com regularidade poemas no *Diário do Minho* (cf. Machado, 2014: 132-133), jornal onde vem, mais tarde, a coordenar o suplemento literário *Presença*. Além disso, colaborou ainda em outros jornais de expressão regional como o *Semanário Transmontano* e *O Correio do Minho*, onde lançou inclusivamente o suplemento *Anti-literatura*.

Do ponto de vista do seu trajeto profissional, importa mencionar que é Professor Universitário na UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), especialista em Linguística Histórica, com uma relevante obra publicada nesta área, de onde se destaca, por exemplo, *Tratado de Confissom – Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Informático Linguístico* (2003), *Introdução à História da Língua e Cultura Portuguesas* (2009) e *Estudos de Língua Portuguesa* (2012).

Mas, além de dotado escritor, de acutilante crítico literário e de eloquente professor, há ainda a reportar o seu talento natural para o manuseamento de programas informáticos, uma vez que, entre outros, como é o caso do *Lexicon*, suporte informático de tratamento de texto, é o mentor do afamado *Projeto Vercial*, que consiste na “maior base de dados de literatura portuguesa” (Machado in Araújo e Chaves: 1). Acessível no endereço eletrónico www.ipn.pt/literatura, este portal reúne “notas biográficas de quase todos os autores portugueses falecidos” (Machado in Araújo e Chaves: 1) que vão sendo acrescentadas “conforme os vivos ou as suas editoras o solicitam” (Machado in Araújo e Chaves: 1). Além de constituir uma “das páginas de âmbito cultural mais acedidas em Portugal” (Machado in Araújo e Chaves: 1), é igualmente bastante consultada no Brasil, nos Estados Unidos, em França, etc.

Machado explica ainda que “os autores estão organizados por épocas e, de alguns, a página disponibiliza extractos da obra. Disponíveis também, mas em CD-ROM e por encomenda, estão as obras completas de vários autores” (*Machado in Araújo e Chaves: 1*).

Conhecidos alguns pormenores do trajeto pessoal e profissional do escritor em apreço, e mergulhando doravante no texto propriamente dito, traçamos, em seguida, o perfil do corpus principal selecionado para este estudo, iniciando já o contacto com as estruturas linguísticas que sustentam as ideias. Na realidade, estamos perante duas obras de uma trilogia dedicada às três grandes guerras em que Portugal esteve, direta ou indiretamente, envolvido: a Primeira Guerra Mundial, em *Memória das Estrelas sem Brilho* (*Machado, 2012 [2008]*), a Segunda Guerra Mundial, em *A Vendedora de Cupidos* (*Machado, 2013 [2010]*), e as Guerras Coloniais (com especial enfoque em Moçambique), em *Heróis do Capim* (*Machado, 2014: 81*). Enfim, à continuidade temática, por assim dizer, e às tradicionais aventuras e desventuras de natureza ficcional, temos forçosamente de aditar a busca de rigor histórico, bem como a acutilante análise social que as duas narrativas já publicadas apresentam como pano de fundo. Como o próprio escritor nos explica:

“O meu interesse não passa propriamente pelo tema da guerra, mas pela História do século em que nasci. Não vivi na época dos dois primeiros romances da trilogia, e era muito novo quando se deu a Guerra Colonial, mas cresci a ouvir falar das guerras, desde a experiência do meu bisavô na I Guerra Mundial à fome e miséria que havia em Portugal durante a II. Mais tarde, o meu pai foi recrutado para combater em Moçambique. No fundo, interesse-me pela História para conhecer as minhas origens e as da sociedade em que me insiro” (*Machado, in Freitas, 2010*).

No que diz respeito a *Memória das Estrelas sem Brilho* (*acerca desta obra, cf. Pinto, 2014: 1-66*), e segundo Milton Azevedo, “we are thus left with a very articulate, often witty narrative that offers an insightful perspective on social and historical aspects of Portuguese life” (*Azevedo, 2011: 402*), do início do século XX, que vão desde a religião, a moralidade ou falsa moralidade, ao sexo, à estratificação social e a casamentos (in) convenientes, à sociedade preconceituosa e mentalmente atrasada, ao analfabetismo e ignorância, etc.

Pautando-se por uma estrutura cronológica muito fidedigna, pois repleta da “tal informação histórica precisa, que passa na narrativa, lentamente, suavemente, facilmente absorvida” (*Gomes, 2009*), e que corresponde à realidade de um passado coletivo/nacional, este romance histórico, composto por 34 capítulos que medeiam entre o antes e o depois da guerra, um epílogo e uma nota do autor, é “de considerável valor para o património e cultura portuguesas e um complemento importante para o conhecimento das nossas raízes” (*Pereira, 2010, janeiro*). Narrando em primeira pessoa as intransponíveis² memórias de guerra, Luís Vaques assume-se como uma espécie de porta-voz das tais “estrelas sem brilho”, dos tais “pobres diabos ignorantes roubados às serras, aos lameiros e às campinas” (*Machado, 2012: 54*), enfim, dos inúmeros militares que, apesar de não terem vez nem voz na História, permanecendo anónimos, sem o devido reconhecimento, viram-se obrigados a adiar as suas vidas, os seus sonhos e a enfrentar os horrores da guerra em nome da defesa de ideais que, muitas vezes, nem sequer compreendiam bem, senão vejamos estes contextos que explicam na perfeição o que acabámos de referir:

² Note-se que, não raramente, a guerra deixa a sua marca para todo o sempre cravada na memória de quem a viveu por dentro: “Faz hoje vinte anos que terminou a guerra. Para mim não terminou. De facto, há vinte anos que continuo, na minha cabeça, a arrastar-me pela lama da trincheira, a abrigar-me das balas e dos estilhaços, a ouvir o ribombar dos canhões e o matraquear das metralhadoras. Acordo por vezes a transpirar agarrado à Aninhas” (*Machado, 2012: 11: 22*).

“Como podíamos nós ir defender a nossa terra na terra dos outros [...] os camaradas mais novos queriam saber por que razão tinham de ir para França lutar na terra dos outros. Que lhe perguntavam e que ele não sabia o que lhes havia de dizer. [...] Eles não entendem por que têm de deixar a terra, a família, os campos, o emprego, para irem defender o que não é deles” (Machado, 2012: 43); “Na Flandres, quando elas começaram a doer, quem realmente deu provas de coragem, de renúncia e de altruísmo foram os pobres diabos ignorantes roubados às serras, aos lameiros e às campinas deste país. Quem fugiu, quem arranjou uma unha encravada ou um padrinho para ser destacado para a retaguarda, foram aqueles que deveriam ter dado o exemplo” (Machado, 2012: 53-54).

De resto, a semântica do cirúrgico título desta obra deixa, desde logo, adivinhar a sua natureza comprometida, materializando-se no próprio exemplo do citado “herói” que interrompeu o curso de direito, que frequentava na Universidade de Coimbra, para comandar um grupo de expedicionários (*Corpo Expedicionário Português, CEP*) que, em 1917, o governo português enviou para as trincheiras da Flandres, de resto, indevidamente preparados a todos os níveis, militar, psicológico, climático, material:

[...] tentei transformar a amálgama de camponeses em soldados que, à voz de comando ou ao toque do clarim, obedecessem como se apenas de um único corpo se tratasse. Aprenderam a marchar, a fazer a continência, a manterem-se em sentido, a apresentar arma, a reconhecer os postos dos graduados, a fardarem-se convenientemente, de acordo com a atividade a executar, a receber ordens pessoais, a responder em sentido e a gritar [...]. A instrução com o armamento foi o mais problemático. O quartel dispunha de espingardas do século passado, enormes e pesadas, muitas delas de carregar pela boca e quase nenhuma a funcionar. Se funcionassem, não haveria munições para o tiro ao alvo. Por isso, andávamos com eles a correr na mata de Montélios a apontar ao inimigo e a simular o tiro com a boca: Pum, pum. O sargento, que tinha passado uma temporada em Moçambique e assistiu a fogo real, explicava indignado: - É prás, prás, e não pum, pum, seus nabos (Machado, 2012: 37); “A grande maioria dos homens não tinha nem farda, nem o equipamento completos” (Machado, 2012: 56).

Enfim, o balanço final desta guerra é francamente desfavorável: “Às vezes, ponho-me a pensar que o nosso esforço na guerra foi em vão. Que os milhões de mortos de um lado e do outro entre 1914 e 1918 não poderão nunca ser justificados; que a perda da inocência e da energia da juventude dos que voltaram não passou de um absoluto desperdício. O mundo, de facto, não ficou melhor” (Machado, 2012: 26-27).

Mas importa ainda referir que a personagem de Luís Vasques, o tal alferes fabricado à pressão, não pode surgir desgarrado do seu fiel companheiro, Rato, formando com ele uma dupla inseparável, dois compinchas que metonimicamente representam os dois lados, as duas faces, da sociedade portuguesa de então, como explica Milton Azevedo:

“it soon becomes clear that Vasques, for all his education and refinement, is lacking in wordly savvy, while Rato possesses a natural survivor’s smarts. Like a dyad in the manner of Don Quixote and Sancho Panza, they can be seen as a metaphorically standing for two faces of Portuguese society: a cultivated upperclass man clinging to his social status while timidly questioning the political regime, and an uneducated peasant struggling to get ahead by its wits in an environment he cannot afford to change directly” (Azevedo, 2011: 399).

Por outras palavras, e ainda segundo o mencionado especialista, a visão ingénua, circunscrita à perspetiva de Luís Vasques, embora vinda de dentro, é bem informada e inteligente, sendo ainda completada pelas observações indiretas deste seu fiel amigo. Assim, “Rato, que é um verdadeiro coprotagonista (e não apenas um sidekick) – um pouco, *mutatis mudantis*, como Sancho Pança, sem o qual o Quixote ficaria impensável” (Azevedo, 2009, janeiro).

Feita esta introdução ao estudo da obra, traremos, de seguida, à colação algumas passagens ilustrativas das características do povo lusitano e da sociedade de então inscritas no trabalho em apreço, que foram catalogadas, pelo seu teor semântico, em 16 grupos, de 1a a 1p, e elencadas por ordem alfabética. Diga-se em abono da verdade que os trechos em questão apresentam um estilo que oscila entre o mais elevado e o mais humilde, por assim dizer, dependendo da personagem que os pronunciou, mas que, em qualquer dos casos, é sempre objetivo, clarividente. Eis as ditas características/tendências:

1.

- a) **A alcunha:** “Um dia perguntei-lhe de onde vinha a alcunha. Disse-me que lhe vinha da infância. Os outros rapazes, porque ele era de compleição miúda e muito eficaz no assalto à fruta, não havendo muro, rede, arame farpado ou silvedo que o impedisse de entrar, botaram-lhe Rato (Machado, 2012: 45); “O Rato, depois da guerra e a meu pedido, acabou por me dizer qual era a minha: o Infeliz. [...] Não era má de todo, se a compararmos com a do sargento-ajudante da companhia, conhecido por o Caga-Baixo, ou pela do capitão, o Mija-Forte” (Machado, 2012: 45).
- b) **O analfabetismo:** “sou de poucas letras” (Machado, 2012: 16); “o analfabetismo, a má educação e a selvajaria dos nossos soldados impressionavam-me” (Machado, 2012: 42); “o analfabetismo no nosso batalhão, e estou convencido de que nos outros a situação não era diferente, ultrapassava os oitenta por cento (Machado, 2012: 119).
- c) **O atraso de Portugal:** “os autocarros ainda não estavam vulgarizados” (Machado, 2012: 42); “Portugal, em 1917, vivia tecnologicamente no século passado e mentalmente no século dezassete, ou até mais para trás (Machado, 2012: 42-43).
- d) **As convenções sociais/aparência/falsos moralismos:** “não quero aqui poucas vergonhas em minha casa, ouviste? O respeitinho é muito bonito. Por isso, logo que ela aceite o namoro, vais falar com o padre e casas-te com ela” (Machado, 2012: 16); Esta é a voz do mesmo Luís Vasques que se deita com Guiomar todas as noites, acabando mesmo por se envolver sexualmente com ela, sem sentimento de culpa, refira-se, mas, preocupando-se com o futuro desta jovem, num caricato rasgo de cupido casamenteiro, tenta arranjar o casamento com Delmiro, um dos seus jornaleiros (cf. Machado, 2012: 15); “À infidelidade matrimonial, certamente condenável pela moralidade vigente, não lhe dei mais importância do que daria a uma traquinice de garoto” (Machado, 2012: 21); “ela aproximou-se e abraçou-me, dizendo que me amava e que não suportaria a minha ausência [...] – Uma menina de princípios não se comporta dessa maneira!” (Machado, 2012: 48); “Quebrei as convenções, ou fui permissivo a que elas se quebrassem e isso, na sociedade portuguesa, católica, moralista e hipócrita da época, era imperdoável” (Machado, 2012: 49).
- e) **A coscuvilhice/boatos:** “corre até o boato de que o Afonso Costa recebe uma libra dos ingleses por cada soldado que enviar para a França. Será verdade, meu alferes?” (Machado, 2012: 44).
- f) **A cunha:** “O nosso povo tem o vício ancestral da cunha. Imaginando de antemão que não poderá, pelas vias legais, alcançar o que pretende, serve-se da cunha. E para tudo a utiliza, mesmo quando desnecessário. Simplesmente porque não acredita na justiça, nas leis e nos regulamentos. Isso, pensa o povo, é para os ricos, os poderosos. O pobre só sobrevive com a cunha. Alguém escreveu que a cunha em Portugal é uma instituição pública” (Machado, 2012: 44); Salazar surge na história como Professor de Luís Vasques de quem os estudantes se queixam porque “parece que disse uma vez na aula que deviam estar na guerra, em vez de andarem por Coimbra a calacear e a gastar o dinheiro dos pais [...] – Os alunos não gostaram e houve quem fizesse queixa ao reitor. Mas o reitor parece que é amigo do professor e não fez nada” (Machado, 2012: 97).
- g) **A crítica à classe política, direta ou indireta:** “Eu queria deitar as culpas à República e aos seus mentores. Mas não eram apenas eles os culpados. Eram culpados por terem gorado os próprios ideais e não terem feito nada para livrar o povo da ignorância e da miséria, instalando-se no poder para proveito próprio e mantendo o país no marasmo e no atavismo seculares” (Machado, 2012: 86); “Os cagões são os políticos e a guerra é a merda que eles cagam” (Machado, 2012: 215).
- h) **O desenrascanço:** “Os poucos soldados que sabiam ler e escrever, os cabos e os sargentos, eram solicitados para esse serviço, pago ao preço de dois maços de tabaco *Abdulha*” (Machado, 2012: 119).
- i) **A estratificação social:** “um alferes não se sujeitaria a trabalhar nos campos como um assalariado qualquer” (Machado, 2012: 55); “A pequena Isabel, vítima dos preconceitos de casta” (Machado, 2012: 436).
- j) **A honra, o empenho e o exemplo:** “Apesar deste pequeno incidente, a nossa companhia deu exemplo de honra e de empenho, independentemente da opinião que a maior parte dos que a constituíam tivesse acerca da participação de Portugal naquela guerra” (Machado, 2012: 55); “Mas como era oficial, tinha de dar o exemplo. O que me impediu de desertar foi o facto de saber que não haveria nenhum buraco onde me esconder” (Machado, 2012: 55).

- k) **Juras e credences:** “seja eu ceguinho. E beijou o dedo polegar da mão direita em sinal de promessa” (Machado, 2012: 17).
- l) **A pobreza:** “Despoletou ao mesmo tempo uma epidemia de gripe espanhola, matando milhares de pessoas [...]. A matança, porém, foi mais violenta entre a gente pobre, devido à má nutrição e às péssimas condições de higiene” (Machado, 2012: 417).
- m) **A relevância das posses:** “– Não há muitas disponíveis, sr. doutor. E as que há querem homens com bom emprego ou com alguma coisinha de seu. E eu, bem sabe vossemecê, não tenho nem uma coisa, nem outra” (Machado, 2012: 15); “Para ajudar no início da nova vida de casado e para ter com que sustentar a mulher e os filhos que viessem, prometi dar-lhe à exploração uma das minhas herdades, a melhor delas. Ele ficou contentíssimo com a notícia e afiançou-me que, no Natal, ganharia coragem para ir falar no assunto à Guiomar (Machado, 2012: 16-17); “Ao saírem da igreja já com as bênçãos apostólicas, desejei-lhes muitas felicidades e que fosses prósperos em fazenda e descendência” (Machado, 2012: 396).
- n) **O sexo antes do casamento:** Apesar de moralmente reprovável, era uma constante. A descrição deste encontro amoroso de Luís Vasques e Aninhas é velada, tal como o ato em si: “Os clientes andavam a festejar o São João. Pedi a chave ao rececionista e guiei a Aninhas até ao quarto. Diante da cama de ferro, eu disse: - Aqui estamos, magicamente em sossego [...] Abraçou-me e beijámo-nos de pé, sobre o tapete de serapilheira com uma das pontas a desfazer-se. Casámos em finais de julho na igreja da Lapa” (Machado, 2012: 401-402); por oposição, o envolvimento de Guiomar, a criada, com Luís Vasques, o patrão, é descrito com todos os pormenores. Apesar de Guiomar querer preservar a sua inocência, “é que ainda nenhum homem me tocou e conto ir virgem para o altar” (Machado, 2012: 12), acaba mesmo por ceder: “ela sentou-se sobre mim, soltou o cabelo e, apesar do frio do quarto, tirou a camisa de noite. Beije-i-lhe o peito avantajado, demorei-me nos mamilos, enquanto lhe acariciava as costas, os ombros e o pescoço. Enquanto isso, ela esfregava o sexo nas minhas virilhas com alguma violência, como possuída de algum demónio matreiro [...]” (Machado, 2012: 19).
- o) **A tradição:** A ida à adega: “À saída da adega, desejámos boa Páscoa um ao outro” (Machado, 2012: 436).
- p) **O vício:** “Descobri com alguma repulsa que a vida militar acorda o que há de pior no ser humano. Vi aqueles recrutas simples e ingénuos a tornarem-se rufias, alcoólicos, pederastas ou viciados em prostitutas” (Machado, 2012: 38); “Sem o cigarrinho não consigo fazer nada. Apanhei o vício na Flandres. Toda a gente fumava.” (Machado, 2012: 70).

No âmbito de *A Vendedora de Cupidos*, também estão presentes os três ingredientes atrás enunciados: ficção, História (que medeia entre 1943 e 1945) e análise social. Naturalmente, não podemos deixar de, logo à partida, tecer alguns comentários em torno do título desta obra que, de resto, está intimamente ligado à imagem reproduzida na capa, sendo que esta última, por sua vez, reflete a ação de cupido exemplarmente desempenhada por Dona Glorinha, a brasileira (carioca), que vem dar um novo élan à vida amorosa da Gralheira, pacata aldeia minhota, “vivendo amores, incentivando-os e protegendo-os” (Machado, 2013: contracapa). De facto, como o próprio escritor revela no capítulo XVII, fazendo um pouco troça da ignorância do regedor, que não é capaz de perceber (Machado, 2012: 205) o significado da cena do quadro exposto na casa da Dona Glorinha, tal imagem consiste na “reprodução em tamanho natural de *La Marchande d’Amours* de Joseph-Marie Vien. Nele se representava uma cena de inspiração greco-latina: Uma matrona, sentada com uma criada de pé atrás de si, recebia de uma vendedora, ajoelhada à sua frente com um cesto na mão direita, um cupido alado” (Machado, 2012: 200). Enfim, Glorinha é uma personagem fulcral neste romance, não só porque, “filha e neta de mestiços, onde se cruzam índios, africanos e europeus” (Machado, 2013: 366), casa com um português, “- Eu casei contigo, Glorinha, porque quis trazer para Portugal um pedacinho do Brasil” (Machado, 2013: 170), fazendo um pouco jus às teorias lusotropicalistas Gilbertianas, mas também assinala a questão da forte emigração de portugueses para o Brasil. Ademais, vem irreversivelmente trazer uma nova vida à Gralheira, posto que, como já se disse, além de adúltera, é também casamenteira, preocupando-se, em jeito de cupido, com a situação amorosa das pessoas com quem se vai relacionando. É durante o diálogo entabulado com o regedor, onde procura explicar a iconografia do mencionado quadro, que, em jeito de “espelho meu”, se fica a conhecer a forma como atua: “Como não tinham asas, pensei...”, diz o regedor “- A rapariga está vendendo um cupido, ou seja, o amor, à senhora sentada. Tem mais dois no cesto, um certamente para ela e o outro, quem sabe, para a moça que está de pé” (Machado, 2012: 210). Na prática, eis alguns breves exemplos das múltiplas intervenções deste cupido humano:

“Ainda teremos pedido de namoro – aventou a Dona Glorinha, meio a sério, meio a brincar, acrescentando, depois de um momento de pausa embaraçoso: – Se isso vier a acontecer, qual será a sua reação” (Machado, 2012: 368); “ – E como vão os amores Fatinha – perguntou a Dona Glorinha?” (Machado, 2012: 370); “Talvez com a intervenção da brasileira os pais acabassem por aceitar o namoro” (Machado, 2012: 386).

Em geral, trata-se efetivamente de uma história “complexa, repleta de caracteres vivos e autênticos (todos uns individualistas bem acabados, cada qual procurando fazer pela vidinha), muito bem contextualizados historicamente na Gralheira, fictícia aldeia do Minho, durante a Segunda Guerra Mundial” (Almeida, 2011). Parece-nos ainda muito interessante a efabulação criada em torno da relevância do volfrâmio que, a par de outras matérias-primas, como resina, peles, conservas, provenientes das antigas colónias, e da nossa posição estratégica (cf. *Rotas do volfrâmio na Europa, memória dos homens e património industrial*), permitiu-nos manter a neutralidade durante a referida Guerra. Este dado Histórico que serve de pano de fundo à história ficcional constitui uma boa aposta, uma vez que reaviva uma memória um pouco apagada, senão mesmo inexistente em muitos casos, revelando-se um bom mote para a criação de um romance que, uma vez mais, retrata a sociedade do período em causa, mas, desta feita, com esta pitada de policial/mistério a fazer lembrar, logo no *incipit*, a dupla incontornável Sherlock Holmes e Dr. John H. Watson, mais atabalhoada, é certo, pois, neste caso, vertida nas pitorescas figuras de Pedro Fontes, o regedor e Delfim, o cabo:

“Ora, o meio da noite não é meia-noite, como é uso dizer-se, mas às três da manhã. O padre morreu antes de verter as águas, ou seja, antes das três” (Machado, 2013: 14); “ – Bocados de quartzo – constatou. – E com umas pitadas de volfrâmio. O padre Desidério tem andado a visitar a mina, pelos vistos” (Machado, 2013: 15); “Tinha alguma lama seca nas pontas e, num dos bolsos, encontrou um molho de chaves e no outro um bilhete dobrado me quatro que dizia: «Me espera amanhã às dez na capela de São Brás. M. C.»” (Machado, 2013: 15).

Como havíamos mencionado, também no âmbito desta obra podemos inferir de algumas passagens certas características do povo e da sociedade lusitana de então, aventadas pelo escritor em apreço sempre com a mesma escrita clarividente que, como refere Onésimo Teotónio Almeida, “é leve mas não *light*” (2011). Ora, anotemos então tais trechos que foram catalogados em 23 áreas temáticas relevantes à discussão em causa, de 2a a 2w, e elencadas novamente por ordem alfabética:

2.

- a) **O acerto de contas:** “A sova que lhe deram não tinha apenas a ver com questões de honra. Esse era o pretexto para desafrontar antigos ressentimentos” (Machado, 2013: 378).
- b) **Os agentes da autoridade:** “Ele conhecia bem os tipos da G.N.R.. Além de serem brutos e ignorantes, eram teimosamente inamovíveis nos seus propósitos. Nunca admitiriam um erro” (Machado, 2013: 311); “são muito casmurros” (Machado, 2013: 345).
- c) **O atraso do país:** “o telefone público da Gralheira encontrava-se na venda do Forrete, um quilómetro e meio abaixo da residência paroquial (Machado, 2013: 16-17); “O processo na justiça seguia o seu curso normal, lento e preguiçoso como tudo num país adormecido e atrasado, prevendo-se uma audiência com o juiz para finais de novembro, se entretanto não sofresse um adiamento por falta de algum papel ou simplesmente por indisposição gástrica do magistrado” (Machado, 2013: 379).
- d) **A corrupção, criminalidade:** “Não mais pensou na morte do padre, no contrabando de volfrâmio, nas maquinações do presidente da Junta, no roubo de galinhas, nas luzes na Quinta dos Barbadinhos” (Machado, 2013: 379).
- e) **A coscuvilhice:** “Além do mais, não deve haver ninguém na Gralheira que não saiba que o padre tinha um caso com a mulher do Júlio Torrão” (Machado, 2013: 206); “amante de mexericos” (Machado, 2013: 346).

- f) **As credences:** “A minha sogra até diz que a mina está a meio caminho do inferno” (Machado, 2013: 15).
- g) **Os divertimentos daquele tempo: o cinema,** “- Vamos ao cinema. [...] – Que filme? *Bola de Fogo* com Gary Cooper e a Barbara Stanwyck” (Machado, 2013: 384), e **o baile,** “Na Gralheira, era tradição fazer-se um baile de Carnaval” (Machado, 2013: 341).
- h) **A falta de cultura:** “o regedor, [...] sem deitar grande atenção ao que ouvia, foi apreciando o quadro que enfeitava a parede à sua frente. [...] por falta de conhecimentos da cultura clássica, não compreendia a cena. Para que estaria uma rapariga com aspeto rústico a oferecer anjinhos a uma senhora como se fossem maçãs?” (Machado, 2013: 200); “[...] mas o que são cupidos?” (Machado, 2013: 209).
- i) **As Guerras:** “O fim do ano de 1943 não era para grandes comemorações. A ameaça da guerra pairava no horizonte dos portugueses. [...] Qualquer um dos lados, por interesses estratégicos, poderia violar a neutralidade portuguesa e invadir o país” (Machado, 2013: 246); surge uma alusão à primeira guerra mundial - “nas trincheiras, quando alguém se feria, dava-se-lhe um trago de aguardente. Servia de anestésico – explicou o Tibães” (Machado, 2013: 363).
- j) **A igreja:** “- Foi um enterro bonito – comentou a Dona Graça, que apreciava a solenidade e a pompa das cerimónias religiosas com muitos padres a debitar longas cantorias em latim, pois davam não só dignidade, mas também e principalmente colorido que enchia o olho e os ouvidos a ponto de fazer também o céu” (Machado, 2013: 58); “enquanto os padres diziam o responso num cantochão triste e monótono” (Machado, 2013: 56); “Nada como começar o ano a louvar ao Senhor” (Machado, 2013: 248); “- Não digas isso rapariga, que Deus até te pode castigar!” (Machado, 2013: 248); “os fiéis gostavam dos gestos histriónicos e a retórica da pacotilha a puxar à lágrima fácil que o clérigo convidado usualmente utilizava para incutir o medo do inferno, saindo rejuvenescidos de modo a enfrentar com paciência as misérias do dia a dia” (Machado, 2013: 341).
- k) **A infidelidade:** “Pensava nisto e a imagem que lhe vinha à mente não era a do marido, mas a do padre Desidério” (Machado, 2013: 120); “A última vez que se viram foi depois da missa na capela da quinta. Oferecera-lhe o pequeno-almoço” (Machado, 2013: 121); “Ela estivera tentada a convidá-lo para o quarto. Não o fez por receio das criadas. Mas acompanhou-o depois à porta e apertou-o contra si, sentindo o tecido negro e áspero da sotaina nas coxas, e encheu-o de beijos a que ele correspondeu sem pejo e sem medo” (Machado, 2013: 121); “o marido demorava. Onde se terá metido? [...] Enquanto a Glorinha tomava o seu segundo chá, saía Júlio Torrão de uma casa da Rua da Boavista, pondo o chapéu na cabeça e calçando as luvas. [...] A menina Belita era um primor nos serviços a cavalheiros distintos” (Machado, 2013: 121); “- Mas o pior [...] é vossemecê ir contra o nono mandamento: Não cobiçarás a mulher do teu próximo” (Machado, 2013: 424).
- l) **A ingratidão:** “Quase toda a freguesia, envenenada pelas calúnias do presidente da Junta, perdera a estima naquele que durante mais de dez anos resolvera de forma satisfatória os mais variados problemas e conflitos. A ingratidão, pensava Pedro Fontes, era uma coisa cruel” (Machado, 2013: 350).
- m) **A inveja:** “Aquela lambisgoia estrangeira, mal chegou, já está enlaçada num dos nossos – comentou a Ermelinda” (Machado, 2013: 347); “Os outros rapazes, invejosos do seu porte, chamavam-lhe o *fininho*” (Machado, 2013: 348); “sinto os olhos dela sobre mim como se fossem canos de pistola” (Machado, 2013: 349).
- n) **A justiça:** “O advogado opinava que o processo, por falta de provas cabais, iria dar em nada. No entanto, se por acaso, e na justiça era comum acontecer, uma vez que o juiz poderia estar mal disposto, ele fosse considerado culpado, arriscava-se a apanhar três anos de cadeia e ser obrigado a devolver as joias” (Machado, 2013: 379); “O processo na justiça seguia o seu curso normal, lento e preguiçoso [...]” (Machado, 2013: 379).
- o) **A mentalidade mais avançada no estrangeiro (Brasil, Alemanha):** “No Brasil, ninguém liga. Há muitos sacerdotes que saem, se casam, arranjam outro emprego. O povo brasileiro é muito liberal” (Machado, 2013: 207); “Que reservava o futuro a uma rapariga em Portugal? Casar-se, ter filhos e viver para eles? Quando a guerra terminasse, poderia arranjar um emprego em Berlim, talvez numa escola ou numa universidade, e dedicaria a sua vida ao ensino e à investigação. Queria viajar, conhecer a Itália, a Grécia, o Egito, Londres, Moscovo, Nova Iorque” (Machado, 2013: 385).
- p) **A mentira:** “Tive um acidente – mentiu o engenheiro” (Machado, 2013: 363), para não contar que fora espancado por ser mulhengo, por questões de honra: “É para aprenderes a respeitar as moças honestas” (Machado, 2013: 362).
- q) **A moralidade:** “Nas bordas do largo, os mais velhos iam deitando o olho enquanto conversavam sobre a carestia de vida” (Machado, 2013: 345); “- A zelar pela moralidade do baile? – perguntou Dona Glorinha” (Machado, 2013: 349); “[...] viu-os juntos em certos preparos e foi contar ao pai” (Machado, 2013: 378); “Que haveria o sr. arcebispo de pensar se chegasse a saber, se é que já não sabe, que o padre da Gralheira anda a comprar e a vender minério da candonga?” (Machado, 2013: 424).

- r) **Os políticos:** “Desde o início que houve uma indisfarçada antipatia do cronista por esta personagem, antipatia extensiva a todo e qualquer indivíduo, ficcional ou não, que exerça um cargo político. Altino Pinheiro era um déspota e um corrupto, como soem ser os políticos que lograram e logram vingar neste retângulo enviesado com janela para o mar” (*Machado, 2013: 377-378*); “Os erros dos incompetentes e dos oportunistas da política pagam-se sempre muito caros” (*Machado, 2013: 369*).
- s) **O povo:** “Nós não somos um povo de heróis. Somos um povo de ladrões e de oportunistas” (*Machado, 2013: 169*); “os portugueses preferem amar na ausência. A isso se chama amor idealizado” (*Machado, 2013: 170*); “O povo é dado a tomar partidos por isto e por aquilo e tem a memória curta. Daqui a uns meses, o assunto estará enterrado” (*Machado, 2013: 313*); “Depois que largara da mina, fora a casa despir o fato-macaco, tomar um banho de alguidar e vestir o melhor fato que tinha” (*Machado, 2013: 348*).
- t) **O preconceito:** “As senhoras distintas eram demasiado austeras e não a tinham [Dona Glorinha, a carioca] em muito boa conta. Nunca a aceitaram como igual, apesar de ser a mulher de um dos homens mais ricos de Braga” (*Machado, 2013: 23, acrescento nosso*); “A Dona Glorinha, filha e neta de mestiços, onde se cruzavam índios, africanos e europeus, não tinha a pureza que lhe permitia ser beijada por uma ariana do Terceiro Reich” (*Machado, 2013: 366*).
- u) **A questão racial:** tão em voga, designadamente por força das teorias darwinistas da evolução das espécies – “não me permitem que nos juntemos com pessoas de outras raças” (*Machado, 2013: 369*); “- Então os portugueses não são europeus como quaisquer outros. – Mas não são arianos. Ou pelo menos não são arianos puros como nós” (*Machado, 2013: 369*).
- v) **O racionamento dos produtos:** “Preocupava-o, como a toda a gente, o racionamento e as requisições dos produtos agrícolas pelo Grémio e as consequências da guerra na economia. Previa que, tal como as coisas iam, viessem a surgir dentro de alguns meses graves problemas de abastecimento. Podia chegar-se ao cúmulo de haver dinheiro mas não haver o que comprar” (*Machado, 2013: 379*).
- w) **As tradições/hábitos:** “foi tocar a finados” (*Machado, 2013: 12*); “depois da ceia de batatas, couves e bacalhau, sentou-se à lareira” (*Machado, 2013: 247*); “Na Gralheira, era tradição fazer-se um baile de Carnaval” (*Machado, 2013: 341*); “Na Gralheira, zangavam-se os pais, zangavam-se os filhos num instinto tribal milenar” (*Machado, 2013: 350*); “Havia um grande ajuntamento de povo que bailava, conversava, bebia e pagava promessas à santa” (*Machado, 2013: 406*); “andor enfeitado com flores e notas de vinte e de cinquenta” (*Machado, 2013: 350*).

Feita esta apresentação que nos coloca quer perante o espírito da época, isto à luz do escritor em apreço, quer diante do estilo de Leon Machado, não podemos deixar de reiterar a riqueza e acutilância semântica dos títulos com que batiza as suas obras que são, invariavelmente, deveras sugestivos. Além dos dois já explorados, trazemos ainda à colação um outro, desta feita *Diário Escasso* (2014), obra que nos foi bastante útil, posto que trata-se de uma espécie de chave, de introdução ao espírito, à alma do autor em estudo. De facto, o lexema “escasso”, que caracteriza o tipo de diário em apreço, dá-nos, desde logo, a perceção de descontinuidade, neste caso, cronológica e temática. Trata-se efetivamente de um registo de apontamentos soltos, feitos no calor do momento, por conseguinte, riquíssimos a todos os níveis, pois genuínos e espontâneos. Enfim, as temáticas de eleição que de seguida anunciamos são, sem surpresa, marcadas pelo seu trajeto, pela sua enciclopédia cultural e humana:

“povos pré-românicos; romanização; Descobrimientos portugueses; a Primeira República (1910-1926); a participação dos Portugueses na Primeira Grande Guerra; Ditadura do Estado Novo; exploração do volfrâmio; guerra colonial; provincianismo e aldeanismo; Minho e Trás-os-Montes, tradições e folclore; religião e clericalismo; ensino e educação; vida académica; amor; sexualidade e adultério; Biologia e Astronomia; outros mundos; universo” (*Machado, in GAELT, 2013*).

Dito isto, e no âmbito da empreitada linguístico-literária que nos propomos levar a cabo, há que relembrar as próprias palavras do escritor em destaque que, acerca do seu próprio estilo, revela: “é objetivo, sintético e de pendor clássico” (*Machado, in Pinto, 2014: 62*). Tais epítetos não podem, como já o afirmamos, ser desgarrados do seu próprio eu. Amante da Língua (recordamos que é Professor Universitário e investigador na área da Linguística), da História e da Literatura portuguesa e forânea, é ainda antigo militar, antigo seminarista, nascido e criado no

Minho. Buscando inspiração nos clássicos, Leon Machado situa-se algures entre a escrita de “pendor clássico” e o “mar que é o pós-modernismo” (*Machado in Pinto, 2014: 64*), leitura que, de resto, encaixa na perfeição na segunda tensão estética, “classicismo versus contemporaneidade”, de três (*Real, 2012: 59-68*), proposta por Miguel Real para catalogar, digamos assim, o romance português contemporâneo (*Real, 2012: 63-66*). Efetivamente, o seu *alter ego*, desta feita de escritor, materializa os seus pensamentos por via de uma linguagem direta, clara, concisa, sem rodeios, na sua ótica, desnecessários, bem humorada, irónica, por vezes, sarcástica. Ressaltamos a figura de estilo **ironia** que debrua as suas obras, auxiliando a tal boa disposição, mesmo, por vezes, perante assuntos mais sérios. Além de alguns trechos já destacados a propósito de outros assuntos, atentemos ainda nestes três contextos:

“Talvez o menino Jesus não se importe que se dance no dia do seu aniversário” (*Machado, 2013: 169*);
“O padre Desidério era pobre, quando muito, de espírito” (*Machado, 2013: 203*); “Por detrás da igreja, resguardados pela escuridão, o engenheiro Brito e a Diliã beijavam-se sofregamente, ele com uma mão enterrada nas suas coxas e ela com os dedos a remexer-lhe a braguilha. Era dia de Carnaval e nenhum deles levava a mal” (*Machado, 2013: 352*).

Naturalmente, todos estes aspetos terão consequências do ponto de vista linguístico. Abordamos, em seguida, algumas dessas materializações linguísticas decorrentes das suas opções e volições, que organizamos nestes nove pontos, que, não fora as tradicionais restrições de extensão que um texto desta natureza requer, abordaríamos com maior pormenor:

1- O uso de adjetivos e de advérbios resume-se ao estritamente necessário e sobretudo quando Leon Machado leva a cabo a descrição de algo ou de alguém, senão vejamos: “Olhei-me ao espelho, o bivaque na cabeça, a farda naquele tecido **grosseiro** entre o cinza e o azul, as botas **pretas reluzentes engraxadas** pelo Rato, as polainas, o cinturão de couro onde se prendia o coldre com a pistola que eu não levava, por ser proibido sair de licença com ela” (*Machado, 2012: 46, negrito nosso*). Fazemos notar a substantivação dos adjetivos de cor ou cromáticos “cinza” e “azul”, mais uma das consequências linguísticas do estilo que se quer direto e isento de rodeios, prática que, de resto, não é apenas recorrente com esta tipologia de adjetivos.

2- Relacionado com o ponto anterior, e como reflexo da objetividade estilística reportada, podemos afirmar que a classe gramatical por excelência de Barbosa Machado é, sem surpresa, o substantivo.

3- O escritor procura verter também no vocabulário selecionado o contexto, a força das circunstâncias. Ou seja, as variedades situacionais mas também as sociais (*cf. Santiago e Dias, 2011: 6-7*) são visíveis, além de sintática e semanticamente, nas unidades lexicais selecionadas a preceito, com o intuito de intensificarem certos contrastes. Assim, rastreamos uma maior competência comunicativa, um nível vocabular mais erudito, quando o narrador toma as rédeas do discurso e menor eficácia comunicativa, um nível mais simples (passando por aquilo que antigamente designávamos como gíria e chegando mesmo, por vezes, ao calão, como está expresso no último exemplo de *1g*) (*acerca da linguagem popular, cf. Pinto, 2014: 51*), quando certas personagens mais pitorescas erguem a sua voz. Mas, em nossa opinião, além do diálogo entre o padre Desidério e Ester que consta no *Epílogo de A Vendedora de Cupidos* (2013: 424-429), o caso mais emblemático dessa polaridade de vozes é protagonizado por Guiomar, a criada, e Luís Vasques, o advogado de *Memória das Estrelas sem Brilho*. A título de exemplo, trazemos à colação trechos de dois divertidos diálogos entabulados entre estas duas personagens, logo no início da obra:

“Diz que está escrito nos livros. – No Direito Canónico, queres tu dizer. Sim, nisso. A igreja proíbe o casamento porque diz que é no cesto. – Talvez queiras dizer incesto. – Incesto, ou no cesto, é tudo a mesma coisa. [...] O sr. doutor, que estudou leis, saberá mais do que eu, que sou de poucas letras” (Machado, 2012: 15-16). “Quanto ao nosso trato, Guiomar, confidencialidade. – Confi quê, sr. doutor? – segredo, rapariga (Machado, 2012: 17-18).

Mas este esforço para destrinçar a voz do narrador da de determinadas personagens não é inédito, trata-se, aliás, de “uma preocupação recorrente da ficção literária” esta “busca de maneiras convincentes de representar a fala” (Azevedo, 2003: 25). Enfim, a representação da fala não-padrão como forma de utensílio estilístico foi trabalhada e muito bem caracterizada pelo norte-americano Sumner Ives como sendo “um dialeto literário formado por um conjunto de traços não normativos, sejam regionais, sociais, ou individuais” (Ives in Azevedo, 2003: 61-62). Ainda no âmbito deste assunto, Milton Azevedo ensina-nos:

“Ao ser impossível a reprodução exata da fala, o escritor opta por criar uma versão estilizada, às vezes estereotipada, de certa variedade lingüística, elaborando assim um mimetismo de oralidade (Traugott & Pratt 1980: 338 ss.) em que predomina algum sotaque ou outros traços sugestivos da fala em questão. Bem manipulado, trata-se de um poderoso recurso para realçar as vozes de alguns personagens, contrastando-as com as de outros, ou com a voz narradora, que, usualmente, se expressa em linguagem normativa” (Azevedo, 2003: 62).

E excluindo a voz do narrador, que apresenta uma competência comunicativa acima do padrão, é exatamente isto que acontece com várias personagens das duas obras em estudo, de onde salientamos a figura de Eline e a de Dona Glorinha, posto que representam na perfeição essa busca de verosimilhança expressa também a nível lingüístico. Pensemos, desde logo, no bilhete encontrado no bolso do casaco do defunto, padre Desidério, que gerou alguma perplexidade, posto que estava escrito em português, variedade brasileira: “Fez-lhe alguma confusão aquele *me* antes do verbo, mas atribui-o às poucas letras da autora” (Machado, 2013: 15). E encontramos muitos outros casos desta natureza como, por exemplo, “**me sirva** o pequeno-almoço” (Machado, 2013: 22, *negrito nosso*). O uso do gerúndio em vez do infinitivo no contexto “meu marido está **dormindo**” (Machado, 2013: 22, *negrito nosso*), bem como a utilização de “você” em vez de “tu/te” quando há muita proximidade entre os interlocutores, “**Que deu em você**” (Machado, 2013: 168, *negrito nosso*) em vez do *O que te deu?*, constituem mais duas marcas da referida variedade brasileira. E há muitos outros detalhes a reportar onde é inclusive visível o uso de brasileirismos como “suco”, “moleques”, “amole”, “besteira”:

“Bebemos um **suco**” (Machado, 2013: 27, *negrito nosso*); “dois **moleques**” (Machado, 2013: 166, *negrito nosso*); “não me **amole**” (Machado, 2013: 307, *negrito nosso*); “Você fez muita **besteira**” (Machado, 2013: 168, *negrito nosso*).

Um outro caso emblemático é o de Eline, a alemã, que comunica em francês e num português muito incipiente que, de resto, vai tentar corrigir, recebendo aulas de Fatinha (Machado, 2013: 365). Vejamos, então, alguns exemplos:

“**Ça va?**” (Machado, 2013: 343, *negrito nosso*); “**Oui, merci. Et vous?**” (Machado, 2013: 343, *negrito nosso*); “**Voulez-vous danser?**” (Machado, 2013: 345, *negrito nosso*); “– **Je danse très mal**” (Machado, 2013: 346, *negrito nosso*); “– **Moi? Eline. Et vous?**” (Machado, 2013: 352, *negrito nosso*); “– **Eu gostar** muito de ti Rui. **Tu ser ótimo** rapaz. Mas **eu ser má** para ti” (Machado, 2013: 381, *negrito nosso*); “**Eu não ser boa para ti**” (Machado, 2013: 384, *negrito nosso*); “– **Tu ir ao cinema também. Eu não me importar**” (Machado, 2013: 384, *negrito nosso*).

Note-se que é o próprio narrador que, informado pelo nosso linguista, explica o motivo de tais atropelos à língua portuguesa, cometidos “sobretudo por causa da articulação de certos fonemas e da conjugação dos verbos” (Machado, 2013: 381). No entanto, ressalva que esta “conseguia manter já uma conversa na língua de Camões” (Machado, 2013: 381). Mas diga-se em abono da verdade que quer o uso do Português, variedade brasileira, quer do Francês, por razões óbvias, que passam pela similitude e pela forte herança cultural, não põe em risco a compreensão da mensagem. Isto é, segundo Milton Azevedo, “um fator importante na utilização de outro idioma como traço definatório de um personagem é o grau de inteligibilidade que se pode esperar do leitor” (Azevedo, 2003: 84).

4- Por outro lado, há igualmente que referir as marcas de antiguidade expressas em certos vocábulos usados. Alguns deles, como “guisa”, “vossemecê”, “soem” ou a expressão “por mor”, são mesmo arcaísmos consagrados; outros são usados regionalmente e em contextos específicos, como o lexema “cibo” que, por exemplo, em Trás-os-Montes, significa *pedaço*, *bocado*. Além destes últimos, que apresentamos devidamente contextualizados, encontramos ainda outros vocábulos que sabem a antigo:

“A maior parte das vezes que vem aqui é **por mor** do roubo de galinhas (Machado, 2013: 9); “sonhos **ruins**” (Machado, 2012: 14, *negrito nosso*); “**vossemecê**” (Machado, 2012: 15, *negrito nosso*); “**cangalheiro**” (Machado, 2013: 16, *negrito nosso*); “**guisa**” (Machado, 2012: 17, *negrito nosso*); “**bragal** de casamento” (Machado, 2012: 18, *negrito nosso*); “**botaram-lhe**” (Machado, 2012: 45, *negrito nosso*) “para se sentar um **cibo**” (Machado, 2012: 50, *negrito nosso*); “**carestia**” (Machado, 2013, 345, *negrito nosso*); “abriu a **cartilha** à frente da sua nova aluna” (Machado, 2013: 365, *negrito nosso*); “como **soem** ser os políticos” (Machado, 2013: 377, *negrito nosso*); “**Prantou**-se daqui para a França” (Machado, 2012: 397, *negrito nosso*).

5- As abreviaturas “ti”, como “Ti Clarindo” (Machado, 2013: 9), e “sô”, como “Sô Mário” (Machado, 2013: 166), são também dignas de destaque, pois contribuem para a tal criação de um ambiente pitoresco. Cristina Pinto, em relação a *Memória das Estrelas sem Brilho*, refere inclusivamente que o uso frequente da linguagem e de vários provérbios populares ajuda o leitor a imiscuir-se “na rusticidade” (Pinto, 2014: 51). Aqui ficam alguns exemplos das múltiplas expressões populares existentes:

“o fogo ao pé da palha...” (Machado, 2012: 11); “olho da rua” (Machado, 2012: 11); “não me fio” (Machado, 2012: 11); “pelas cinco chagas” (Machado, 2012: 11); “– Cruzes, sr. doutor!” (Machado, 2012: 11); “olho da rua” (Machado, 2012: 11); “são promessas e toda a gente sabe que as leva o vento” (Machado, 2012: 12); “seja eu ceguinho” (Machado, 2012: 17); “[...] atirar o barro à parede [...]” (Machado, 2012: 15); “apalpar primeiro o terreno” (Machado, 2012: 17); “como quem não quer nada” (Machado, 2012: 17); “– Crisântemos, sr. doutor?” (Machado, 2012: 17); “mete-lhe nu cu tudo o que ganha” (Machado, 2012: 397).

6- Traremos entretanto à colação alguns vocábulos que, de uma forma ou de outra, nos chamaram à atenção pelo seu preciosismo, pela sua acutilância, pela sua peculiaridade nos contextos em que foram usados. Neste sentido, começamos por sublinhar a riqueza simbólica da palavra que nomeia a aldeia minhota fictícia, “Gralheira”, posto que, pela proximidade semântica com o vocábulo “gralha”, que, como é sobejamente conhecido, em sentido figurado, significa *pessoa faladora*, nos coloca imediatamente no espírito do cenário, do espaço, em causa. Eis as mencionadas unidades lexicais:

“**soslaio**” (Machado, 2012: 12); “fez um breve **esgar** de estranhamento” (Machado, 2012: 15); “**afiançou-me**” (Machado, 2012: 16); “**bragal** de casamento” (Machado, 2012: 18); “**trautear** das armas” (Machado, 2012: 22); “as **admoestações** da mãe por ter chegado tarde” (Machado, 2013: 29); “toque do **clarim**” (Machado, 2012: 37); “**pederastas**” (Machado, 2012: 38); “**charrete**” (Machado, 2012: 45); “comprovar a

asserção” (Machado, 2012: 46); “**Desafortunadamente**” (Machado, 2012: 48); “**aguardente babujada**” (Machado, 2012: 51); “**messe** do quartel” (Machado, 2012: 53); os batatais estavam **viçosos** e as **latadas**” (Machado, 2012: 53); “**cantochão**” (Machado, 2013: 56); “**fomos ovacionados** pelos populares” (Machado, 2012: 57); “**sotaina**” (Machado, 2013: 121); “**a primeira refrega**” (Machado, 2012: 255); “**alfaias agrícolas**” (Machado, 2012: 396); “**fazenda e descendência**” (Machado, 2012: 396); “**mero aboletado**” (Machado, 2012: 437); **sorumbático** (Machado, 2013: 249); **desentorpeceu** as pernas (Machado, 2013: 249); ficou **abespinhada** (Machado, 2013: 343); **tratante** (Machado, 2013: 345); “os **ajuntamentos** eram ótimos” (Machado, 2013: 345); “**aparelhar os passos**” (Machado, 2013: 347); **aperaltado** (Machado, 2013: 348); **imbróglío** (Machado, 2013: 350); “**sofregamente**” (Machado, 2013: 352); “**acanhamento**” (Machado, 2013: 356); “**Matutava**” (Machado, 2013: 361); “pedras de **macadame**” (Machado, 2013: 361); “**cartilha**” (Machado, 2013: 365); **solícitos** (Machado, 2013: 368); “**fonemas**” (Machado, 2013: 381); “**Cicerone**” (Machado, 2012: 381, *negrito nosso em todos os casos*); “**emborcava**” (Machado, 2013: 424), “**chá de agripalma**” (Machado, 2013: 426); “**macumba**” (Machado, 2013: 426); “**começou a rezar as completas**” (Machado, 2013: 426); “**aroma a nardo**” (Machado, 2013: 426); “**cilício**” (Machado, 2013: 428); “**esposa oficiosa**” (Machado, 2013: 426).

7- A sintaxe é simples, as frases são geralmente curtas, despidas de artifícios estilísticos muito rebuscados. Aqui ficam alguns exemplos:

“É dia de Páscoa. Acordámos todos muito cedo e fomos à missa que começou às sete. O Afonso conduziu o velho *Minerva* e levou com ele o Pedro. Eu segui no *Ford* com a Aninhas, a Inês e a minha mãe” (Machado, 2012: 424); “Mas chegou de manhã à cidade, dirigiu-se à Câmara Municipal e apresentou a demissão por escrito na secção F.” (Machado, 2013: 310-311).

8- A pontuação, também em prol da simplicidade estrutural, é, como já se disse, canónica. Vejamos apenas alguns casos:

a) Coloca vírgula quando o modificador do grupo verbal (cf. *Santiago e Dias, 2011: 17*), antigo complemento circunstancial, vem anteposto ao sujeito, em início de frase: “**Em casa**, encontrei os meus pais preocupados” (Machado, 2012: 38, *negrito nosso*); “**daí a uma hora**, entrou a Guiomar [...]” (Machado, 2012: 13, *negrito nosso*); b) Coloca vírgula para isolar informação extra: “O casamento da nossa criada Guiomar com o Delmiro, **filho mais velho do Rato**, foi ontem” (Machado, 2012: 396, *negrito nosso*); c) Coloca a vírgula para separar a oração subordinada (neste caso condicional) da oração subordinante: “**Se funcionassem**, não haveria munições para o tiro ao alvo” (Machado, 2012: 37, *negrito nosso*); d) Coloca a vírgula para separar o vocativo: “Desculpe a pergunta, **sr. doutor**, mas hoje também...” (Machado, 2012: 18, *negrito nosso*); e) Coloca a vírgula a seguir à locução adverbial conetiva (cf. *Santiago e Dias, 2011: 14*), antiga locução conjuncional coordenativa adversativa, em início de frase: “**No entanto**, só ficaria satisfeito quando viesse Pedro Fontes a ser condenado” (Machado, 2013: 378, *negrito nosso*); f) Coloca vírgula depois do advérbio, neste caso de modo, em início de frase: “**Desafortunadamente**, foi a Vila Verde negociar umas pipas de vinho” (Machado, 2012: 48, *negrito nosso*); g) Coloca a vírgula para separar orações: “A mãe **ergueu-se, deixou cair** o bordado e **pôs-se** aos gritos” (Machado, 2012: 48, *negrito nosso*); h) Coloca a vírgula a separar o vocativo (“*Libaninha*”) da oração subordinada temporal (introduzida pela conjunção subordinada temporal “quando”), seguida de informação extra devidamente virgulada (“e terminará um dia”) e da oração principal (“*ter-me-ás aqui*”), que antecede uma oração subordinada condicional (“se ainda me quiseres”). Eis o exemplo em causa: “– **Libaninha, quando** tudo isto terminar, **e terminará um dia, ter-me-ás aqui, se** ainda me quiseres para teu marido” (Machado, 2012: 40, *negrito nosso*).

9- Escreve com o **novo acordo ortográfico**. Basta olharmos para a ausência do hífen entre a “forma monossilábica do presente do indicativo do verbo **haver**” e a preposição *de* (*Casteleiro e Correia, 2007: 19*); a “supressão de acentos gráficos em palavras graves com ditongo *oi*” (*Casteleiro e Correia, 2007: 18*) e o uso de minúscula nos meses do ano (*Casteleiro e Correia, 2007: 11*). Eis os exemplos reportados:

“**hás de**” (Machado, 2012: 12); “**joias**” (Machado, 2013: 350); “**maio** de 1944” (Machado, 2013: 380); “No final de **abril**, o Rui [...]” (Machado, 2013: 381).

Enfim, terminada esta pequena viagem em torno de algumas marcas linguísticas bastante evidentes no estilo de Leon Machado, e parafraseando o grande mestre Ernesto Guerra da Cal, sabemos que:

“[...] a pesquisa dos seus processos linguísticos, dos símbolos verbais que selecciona entre aqueles que se oferecem a uma opção possível, embora não nos revele o segredo mágico da sua personalidade e da sua obra, permitir-nos-á pelo menos um conhecimento parcial mais aproximado do seu feitio espiritual, e um mergulho relativamente mais fundo no fenómeno do seu processo criador. [...] sabemos de antemão que não conseguiremos encontrar a rosa, de que falava Gourmont, na sua fragrância; mas se conseguirmos rodeá-la, examinar algumas pétalas e aproximarmo-nos do ‘sanctum’ inacessível e inexpugnável do seu segredo vivo, consideremos isso mais que suficiente, e ficaremos satisfeitos” (Cal, 1981: 54-55).

Cientes de que este artigo constitui apenas um modesto contributo ao vastíssimo universo de leituras possíveis em torno da auspiciosa obra de José Leon Machado, damos por bem empregue o labor empreendido em torno de um escritor que merece ser estudado, posto que, por via de um estilo “leve, mas não light”, como já se disse, e divertido, com uma certa pitada de “ridendo castigat mores”³, tão a preceito no tempo do teatro vicentino, e também nos dias atuais, aborda assuntos muito sérios, diríamos mesmo intemporais, e de sumo interesse para a memória coletiva de um povo plurissecular dotado de uma complexa identidade pessoal e cultural que urge acarinhar.

Referências Bibliográficas

Almeida, Onésimo Teotónio (2011, 01 de janeiro), “Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra” in *PNET Literatura*. Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/vendedora.htm>.

Araújo, Rui Ângelo e Chaves, Carlos (s.d.), “José Leon Machado. Projeto Vercial”, *Reportagem*, edição n.º 19. Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://www.trasosmontes.com/eitofora/numero19/reportagem.html>.

Azevedo, Milton M. (2011), “The Great War and Remembrance in José Leon Machado’s *Memória das Estrelas sem Brilho*”, *Hispania* 94.3, AATSP copyright, 396-405.

Azevedo, Milton M. (2009, janeiro), “Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra”. Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/memoria.htm>.

Azevedo, Milton M. (2003), *Vozes em Branco e Preto: a Representação Literária da Fala Não-Padrão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Cal, Ernesto Guerra da (1981), *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, 4.^a ed. Coimbra: Livraria Almedina.

Casteleiro, João Malaca; Correia, Pedro Dinis (2007), *O Novo Acordo Ortográfico. O que vai mudar na grafia do português*. Lisboa: Texto Editores.

Cláudio, Mário in Anastácio Neto (2008), “Mário Cláudio: a Função do Escritor Não é Ser Legível, mas Autêntico”. Consultado a 21 de novembro de 2008, <http://oviciodaarte.blogspot.com/2004/11/mario-claudio-fundo-do-escritor-no-ser.html>.

Coelho, Jacinto do Prado (1961), *Problemática da História Literária*. Lisboa: Ática.

³ Expressão latina erradamente atribuída a Gil Vicente, o pai do teatro português. Foi efetivamente popularizada, no século XV, na medida em que reproduzia a intenção e o estilo de Gil Vicente, mas, como refere Carlos Rocha, “segundo o *Dicionário de Português Michaelis*, a frase significa “corrige os costumes sorrindo» e corresponde ao «[p]rincípio em que se fundamenta a comédia, criado por Jean de Santeuil» (1630-1697), poeta francês que escreveu em latim” (Rocha, 2010, novembro).

XXIII Colóquio Internacional da Lusofonia. Livro de Atas/Anais 2015, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (com o apoio da Universidade da Beira Interior e da Câmara Municipal do Fundão), Covilhã e Fundão (Portugal), 2015, 79-94.

Freitas, Carolina (2010, 14 de novembro), “Recriar a História” in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Entrevista a José Leon Machado. Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://visao.sapo.pt/recriar-a-historia=f578204>.

Gomes, Florbela L. S. (2009, outubro), “Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra”. Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/memoria.htm>.

Gonçalves, Mário (2010), “José Leon Machado: Universidades portuguesas estão cheias de maus alunos”, entrevistas – escritores, 07 fevereiro. Consultado a 21 de janeiro de 2015, http://www.livroseleituras.com/web/index.php?option=com_content&view=article&id=484:jose-leon-machado-universidades-portuguesas-estao-cheias-de-maus-alunos&catid=64:escritores&Itemid=175.

Luís, Carla Sofia Gomes Xavier (2011), *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras e Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (com o apoio da FCT).

Machado, José Leon (2013), “Conferência: «O presente e o futuro do livro como objeto cultural»”, 27 de novembro, Grupo de Análise e Estudo da Literatura e de Tradutoloxía (GAELT). Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://gaelt-uvigo.blogspot.pt/2013/11/conferencia-o-presente-e-o-futuro-do.html>.

Machado, José Leon (2012), *Darkening Stars - A Novel of the Great War*. Tradução de Milton M. Azevedo e Karen C. Sherwood Sotelino. Ed. Vercial: Braga.

Machado, José Leon (2014), *Diário Escasso (2006-2012). Seguido de uma Autobiografia e de umas Memórias Literárias*. Braga: Edições Vercial.

Machado, José Leon (2012), *Memória das Estrelas Sem Brilho*, 2.^a ed. revista. Braga: Edições Vercial [2008].

Machado, José Leon (2013), *A Vendedora de Cupidos*, 2.^a ed. revista. Braga: Edições Vercial [2010].

Pereira, Maria Eduarda Vassalo (1988), “Estilo”, in A. Campos Matos (org. e coord. de), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2.^a ed. revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho, 389-403.

Pereira, Susana (2010, janeiro), “Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra”. Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/memoria.htm>.

Pinto, Cristina Teixeira (2014), *Memória das Estrelas sem Brilho – História e Identidade na Estética Literária de José Leon Machado*. Braga: Edições Vercial.

Real, Miguel (2012), *O Romance Português Contemporâneo (1950-2010)*. Alfragide: Editorial Caminho.

Rita, Annabela, Luís, Carla Sofia Gomes Xavier & Real, Miguel, “Entrevista a Mário Cláudio”, *Revista Letras com Vida*. Lisboa: CLEPUL (entregue para publicação) e reposta na íntegra no livro *Mário Cláudio e a Portugalidade* in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (coordenadores). Setúbal: Edições Fénix (no prelo).

Rocha, Carlos (2010, novembro), “A expressão latina «*ridendo castigat mores*» = «corrige os costumes sorrindo»” (22-11-201), in *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Consultado a 01 de março de 2015, <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=29048>.

Rotas do volfrâmio na Europa, memória dos homens e património industrial. Consultado a 21 de janeiro de 2015, <http://routesofwolfram.eu/pt/memoria-dos-homens/contexto-historico/portugal.html>.

Santiago, Ana e Dias, Ana Paula (2011), *O Que Muda na Gramática? Conheça a Nova Terminologia*. Alfragide: Texto Editores.

Terminologia Linguística: revisão e consulta pública. Consultado a 21 de janeiro de 2015, in <http://dgide.min-edu.pt>.

XXIII Colóquio Internacional da Lusofonia. Livro de Atas/Anais 2015, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (com o apoio da Universidade da Beira Interior e da Câmara Municipal do Fundão), Covilhã e Fundão (Portugal), 2015, 79-94.